

Pulsão, *self* e destino: com Bollas

Decio Gurfinkel

Decio Gurfinkel é psicanalista, doutor pelo Instituto de Psicologia da USP, e realizou seu pós-doutorado na PUC-SP. É membro do Departamento de Psicanálise e do Departamento de Psicossomática Psicanalítica do Instituto Sedes Sapientiae (São Paulo), e autor de diversos escritos e livros, tais como *Relações de objeto* (Blucher, 2017), *Adições: paixão e vício* (Casa do Psicólogo, 2011 e Artesã, 2022 – segunda edição), *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe* (Escuta, 2008), *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições* (Casa do Psicólogo, 2001) e *A pulsão e seu objeto-droga: estudo psicanalítico sobre a toxicomania* (Vozes, 1996). Site oficial: deciogurfinkel.com.

Resumo O objetivo deste trabalho é discutir o conceito de “pulsão de destino” proposto por C. Bollas. Tal conceito comporta repercussões clínicas, existenciais e teóricas bastante significativas, e articula de modo orgânico o modelo pulsional e o pensamento das relações de objeto. Segundo leitura aqui proposta, o conceito de *self* figura como um elo intermediário fundamental entre os termos *pulsão* e *destino*.

Palavras-chave pulsão; destino; *self*; Bollas; Winnicott; Jung.

DOI: 10.70048/percurso.74.33-44

¹ O presente artigo é a continuação de dois textos anteriores (D. Gurfinkel, “Winnicott e Bollas: relações, *self* e uso do objeto”, in E.U. Cintra (org.), *Por que Bollas?*, p. 27-41, e D. Gurfinkel, “O uso Bollas do objeto Winnicott: uma epistemologia transformacional”, in E.U. Cintra (org.), *Por que Bollas?*, p. 43-56). Os três trabalhos podem ser lidos como uma trilogia: um estudo sequencial sobre o mesmo tema.

O objetivo deste trabalho¹ é discutir o conceito de “pulsão de destino” proposto por C. Bollas, que foi apresentado em seu livro *Forças do destino*. Tal conceito comporta repercussões clínicas, existenciais e teóricas bastante significativas. Ele traz indagações sobre o significado de um percurso de vida, com seus caminhos e descaminhos: o que nos move? Em quais direções – e por que motivos e motivações? Como o trabalho analítico pode interferir – auxiliando ou dificultando – na busca de tais caminhos? E, no que se refere aos modelos teóricos: se por um lado as formulações de Bollas retomam o espírito do pensamento freudiano, para o qual a pulsão é um conceito fundamental, tais formulações se assentam, por outro lado, sobre o pensamento das relações de objeto, desenvolvido na era pós-freudiana. Segundo penso, o conceito de *self* está na raiz dessa articulação tão instigante. Pois, como veremos, o *self* serve como o elo intermediário fundamental entre a *pulsão* e o *destino*; é este elo que nos permite melhor compreender o alcance e o sentido das formulações de Bollas.

Neste artigo, iremos abordar sucessivamente cada um destes elementos – a pulsão, o *self* e o destino – para então reuni-los em uma discussão final.

Pulsão e *self*

Bollas definiu *pulsão de destino* como “o impulso dentro de cada pessoa de articular e elaborar o seu idioma através da seleção e uso dos objetos. É uma força do instinto de vida, com a qual o sujeito procura penetrar em seu próprio e verdadeiro ser através da experiência que



é surpreendente notar
como Bollas, ao falar em
termos de pulsão de destino,
se aproxima daquilo
que Winnicott chamou
de “impulso pessoal”

libera esse potencial”². Observemos com atenção os elementos que compõem essa formulação; veremos que, para melhor compreendermos tal proposição, é importante perceber que entre a *pulsão* e o *destino* encontra-se, enquanto um articulador fundamental, o conceito de *self*.

A pulsão de destino é, em primeiro lugar, como nos indica Bollas, um *impulso*. Freud definiu pulsão como “uma exigência de trabalho imposta ao psíquico por consequência de sua conexão com o somático”³ e que, por sua própria natureza, exerce uma *pressão* contínua. Bollas adota, em certo sentido, esta concepção dinâmica primordial de força constante, que incita, por sua vez, ao trabalho psíquico: nesse caso, articular e elaborar o idioma do verdadeiro *self*. Este último, por sua vez, é tratado por ele como um “potencial herdado”; ainda que tal potencial não equivalha à experiência somática como propôs Freud, Bollas afirma que “o idioma humano é um derivado de uma disposição genética pré-determinada”⁴. Essa força, acrescenta, pertence a Eros. Mas é na *implacabilidade* e na “inexorabilidade essencial” que Bollas mais vê a semelhança de sua proposição com o conceito freudiano, assim como com o “uso do objeto”: “existe uma relação nítida entre esses conceitos: penso que o *Trieb*, a pulsão freudiana, é impiedosa (*ruthless*), é implacável quanto à escolha: o objeto pode ser ou escolhido ou ignorado por ela, não há meio caminho”⁵.

No entanto, ao aproximar *pulsão* e *self*, Bollas se diferencia da concepção original de Freud.

De certa maneira, ele singulariza e *pessoaliza* uma força que, segundo o modelo freudiano da segunda tópica, provém de um *Isso* impessoal: pois dizemos “isso” quando não sabemos mais nomear; trata-se do “inominável, infigurável, informe”⁶.

Ora, nesse sentido é surpreendente notar como Bollas, ao falar em termos de pulsão de destino, se aproxima daquilo que Winnicott chamou de “impulso pessoal”⁷. Se estamos no âmbito de uma *ego-relatedness*, propôs Winnicott, o impulso do *Id* fortalece o *Eu*; caso contrário, o impulso do *Id* é totalmente disruptivo. É apenas no contexto deste tipo de relação (o *ego-relatedness*), estando só na presença de alguém presente/ausente – uma presença potencial em negativo –, que o bebê pode descobrir sua vida pessoal, em um estado de relaxamento e sem estímulos externos invasivos. Aqui pode surgir um impulso do *Id* que pode ser sentido como real, e constituir verdadeiramente uma experiência pessoal. Para o bebê, os impulsos do *Id* são tão externos quanto o troar de um trovão⁸; eles são, portanto, na sua origem, externos e impessoais; ao serem experimentados, a partir de um trabalho de integração e de simbolização, como parte do *self*, se tornam um *impulso pessoal*. Tal impulso visa, no encontro com o objeto, ao mesmo tempo à satisfação do *Id*, a uma conquista do *Eu* e à realização do si-mesmo.

A pulsão de destino, enquanto força constante que visa à realização do verdadeiro *self*, é um impulso que, por sua própria natureza, já carrega o selo da “pessoalidade”; mesmo não havendo ainda um *Eu* constituído, haveria, desde o início, um *Si-mesmo* como potencial herdado. Creio que, nesse sentido, a noção de “impulso pessoal” prefigura a *pulsão de destino* de Bollas, que pôde dar à ideia um tratamento bastante mais extenso.

Pulsão de destino e uso do objeto

Bem, além de aproximá-la ao *Trieb* freudiano, Bollas também ressaltou a proximidade entre a *pulsão de destino* e o *uso do objeto*: “A teoria de



*a perspicácia da observação
clínica com bebês e pacientes
mais graves fez Winnicott
trazer a motilidade/agressividade
ao primeiro plano,
como uma força primária*

Winnicott sobre o uso do objeto é igualmente uma teoria que fala da implacabilidade, isto é, o objeto deve ser usado de maneira a possibilitar que o *self* seja verdadeiro consigo mesmo⁹. Nesse aspecto, sua proposição é bastante perspicaz, uma vez que sugere uma aproximação entre o *Trieb* e o uso do objeto, em uma articulação mediada pelo *self*; como veremos, aqui ele dá sequência a uma intuição tardia de Winnicott apenas sugerida, mas não desenvolvida.

Poder-se-ia pensar que Winnicott “se afasta” do conceito de pulsão para pensar os primórdios da constituição psíquica, mas essa conclusão é um pouco precipitada e unilateral; creio que sua teoria tardia do “uso do objeto” representa um novo movimento de articulação de seu pensamento com o modelo pulsional. Por um lado, Winnicott reitera em seu trabalho de maturidade sua rejeição ao conceito de pulsão de morte como chave explicativa das raízes da agressividade e da destrutividade. Ele reconhece, no entanto, que existe uma “agressividade inata” que é variável para cada indivíduo, mas atribui a parte principal do seu destino à maneira como ele é conduzido pela fase do uso do objeto: bebês que tiveram aqui uma boa travessia podem se dar ao luxo de se tornarem “cl clinicamente mais agressivos”, ganhando assim a liberdade de ação e de experimentação no mundo. Quanto ao termo *destruição*, Winnicott esclarece que utiliza essa denominação apenas porque existe a suscetibilidade de o objeto não sobreviver, e não porque haja no bebê um “impulso

a destruir”; é a resposta do objeto que é, pois, determinante do destino.

Ora, se nos voltarmos para a obra anterior de Winnicott, constatamos que ele já vinha construindo uma complexa teoria da agressão, que, de certa maneira, conjuga aspectos da primeira e da segunda teoria pulsional de Freud¹⁰; nela, ele reconhece, originariamente e em um plano semelhante às pulsões, fatores biológicos que determinam a *motilidade* e o *erotismo*. A perspicácia da observação clínica com bebês e pacientes mais graves o fez trazer a motilidade/agressividade ao primeiro plano, como uma força primária; não lhe pareceu cabível supor, no entanto, um impulso ou intenção destrutiva – ou o sentimento de ódio – antes da constituição do Eu e do objeto. Para ele, há inicialmente um *potencial para a motilidade*; uma parte deste se funde cedo com o *potencial erótico*, e a parte que não se funde necessita encontrar uma oposição do ambiente. Trata-se, na verdade, de um gesto impulsivo ligado à espontaneidade, que se *torna agressivo* quando atinge a oposição. Essa é, na saúde, a origem da agressão inerente à natureza humana.

Muitos bebês, no entanto, têm um potencial agressivo massivo que faz parte da reação à invasão, e que é ativado pela perseguição [...]. A quantidade desse potencial agressivo não depende de fatores biológicos (que determinam a motilidade e o erotismo), mas do acaso das invasões iniciais do meio ambiente e, portanto,

2 C. Bollas, *Forças do destino: psicanálise do idioma humano*, p. 253.

3 S. Freud, *Los instintos y sus destinos*, p. 2041.

4 C. Bollas, *op. cit.*, p. 37.

5 C. Bollas, “Pulsional impiedoso e receptividade materna (entrevista)”, *Percurso*, n. 20, p. 142.

6 J.-B. Pontalis, “isso em letras maiúsculas”, *Percurso*, n. 23, p. 12.

7 D.W. Winnicott, “The capacity to be alone”, in *The maturational processes and the facilitating environment*, p. 34.

8 D.W. Winnicott, “Ego distortion in terms of true and false self”, in *The maturational processes and the facilitating environment*, p. 141.

9 C. Bollas, *op. cit.*, p. 142.

10 Trabalho este diálogo implícito entre a teoria da agressividade de Winnicott e as duas teorias das pulsões de Freud em “Pulsão de morte ou mãe morta?” (in D. Gurfinkel, *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*).



temos aqui, pois,
mais uma vez, a delicada
dialética entre pulsão e objeto,
que cada vez mais encontramos
como substrato do pensamento
clínico da psicanálise
contemporânea

frequentemente, das anormalidades psiquiátricas da mãe, e do estado do meio ambiente emocional da mãe.¹¹

Ora, esse *potencial agressivo massivo*, resultado, para Winnicott, de falhas ambientais precoces e não de um *quantum* de destrutividade supostamente dependente de fatores biológicos, é o mesmo que para outros autores é creditado aos efeitos da pulsão de morte; trata-se, como se vê, de raciocínio teórico-clínico semelhante ao que vimos quanto ao “uso do objeto”.

Mas examinemos brevemente o que veio depois. Se a teoria do uso do objeto é, de certa maneira, um desdobramento da teoria da transicionalidade, podemos vislumbrar nela um *movimento de repulsionalização* de tal problemática. Pois *impulso* e *implacabilidade* – como bem assinalou Bollas – passam a cumprir um papel fundamental na *construção da possibilidade* de encontro com o objeto, ao lado de uma “apresentação de objetos” que vá ao encontro do potencial criativo do bebê. O impulso da motilidade – busca de objeto – agora se torna um impulso de destruí-lo para que ele sobreviva, e assim seja colocado fora e tornado real; mas, como tanto insistiu Winnicott, a conquista dessa capacidade de realização depende da resposta do objeto. Temos aqui, pois, mais uma vez, a delicada dialética entre pulsão e objeto, que cada vez mais encontramos como substrato do pensamento clínico da psicanálise contemporânea. Esse movimento de repulsionalização fica ainda mais

nítido em um artigo inacabado de Winnicott relacionando o uso do objeto e *Moisés e o monoteísmo* de Freud, no qual afirmou: “o ponto crucial do meu argumento é que a primeira pulsão [*drive*] é, ela mesma, *uma* só coisa, algo que chamo de ‘destruição’, mas que poderia ser chamado de uma pulsão combinada amor-combate [*love-strife drive*]¹²; e acrescenta, ainda, que “o destino dessa unidade pulsional não pode ser estabelecido sem referência ao ambiente”; ou seja, tal destino depende da sobrevivência do objeto. Bem, temos aqui uma formulação de fato muito surpreendente: Winnicott propõe a existência de uma “pulsão destrutividade”, originária e única! Quantas reviravoltas, quantas releituras e rediscussões podem se dar a partir dessas proposições, e que novas aberturas esse manuscrito póstumo nos deixa¹³! Podemos pensar aqui em termos das idas e vindas da dialética continuidade / rupturas na história da psicanálise¹⁴, à qual Bollas vem acrescentando sua própria contribuição.

O destino, com Freud e Winnicott

Pensemos agora sobre o *destino*.

É curioso notar o jogo de palavras ao qual Bollas nos convida ao cunhar a expressão “pulsão de destino”, fazendo eco a “A pulsão e seus destinos”, título do artigo clássico de Freud. Ele estimula nossa imaginação. Com Freud, podemos entender que os “destinos” se referem a caminhos possíveis a serem seguidos pelo fluxo pulsional, mas *secundários* em relação à sua natureza primordial; como veremos, pode-se pensar que, no caso da pulsão de destino, em contraste, haveria desde sempre a pré-concepção – à maneira de Bion – de um caminho vital a ser percorrido, de natureza *primária*¹⁵.

Winnicott – em seu movimento final de pulsionalização – também falou em *destino*, em uma acepção bem próxima àquela adotada por Bollas. Ele ressaltou como o destino é condicionado pela resposta ambiental diante do uso: “eu desenhiei uma nítida distinção entre o destino [*fate*] (em termos de padrão de personalidade) de um bebê cujos primeiros combates foram aceitos e de



um bebê cujos primeiros combates sofreram reação¹⁶. Ora, esse último movimento prefigura de fato a pulsão de destino de Bollas! O tamanho do passo adiante dado por Bollas, a partir de Winnicott – e o uso que fez de suas proposições –, não foi nesse caso tão largo quanto pareceria...

O *destino* de que Bollas nos fala é o positivo de um negativo: a já conhecida “neurose de destino” de Freud. Há pessoas que “são perseguidas por um destino, cuja influência demoníaca rege sua vida”¹⁷, pois repetem-se nela incessantemente situações de infelicidade e sofrimento que são vividas como uma fatalidade da qual são vítimas¹⁸. Essa condição se aproxima daquilo que Bollas chamou de *fado*, situação infeliz em que o verdadeiro *self* não pôde ser alcançado e não pôde se tornar uma experiência vivida; o *destino*, por outro lado, é para ele a própria evolução do verdadeiro *self*, que se dá por efeito de um anseio de realização oriundo da pulsão de destino. Assim, em contraste com Freud, temos agora um outro substrato metapsicológico

para Bollas, uma das tarefas
de uma análise é permitir
que o analisando entre
em contato com seu
destino e possa ter
o seu caminho de
realização facilitado

para pensar os destinos funestos: aquele oriundo de uma psicanálise do *self*. Poderíamos dizer aqui, brincando novamente com as palavras, que não se trata mais de uma “simples” neurose...

Para Bollas, uma das tarefas de uma análise é permitir que o analisando entre em contato com seu destino e possa ter o seu caminho de realização facilitado; para tanto, o uso do analista como um objeto é visto por ele como primordial. No trabalho clínico, muitas vezes deparamos com situações em que o fado está instalado, e a ideia de futuro está carregada pelo peso do desespero; isso se relaciona, segundo Bollas, a padrões de relações objetais precoces que ressurgem na transferência, devido às quais o *self* ficou oprimido pelo eco das vozes materna, paterna e do contexto sociocultural; nesse sentido, ele se aproxima da proposição de Winnicott, acima mencionada, sobre os dois destinos possíveis dos bebês, de acordo com a aceitação ou reação do meio ambiente humano a seus primeiros combates na travessia crucial rumo ao uso do objeto. O resultado é um enorme sofrimento, angústia e raiva; e, também aqui, estamos mais uma vez próximos de Winnicott, que descreveu como próprio da vivência do fronteiro o sentimento de futilidade e de que a vida não vale a pena. Bollas, por seu lado, nos traz uma descrição vívida desses processos na experiência clínica e na vida em geral, desdobrando e desenvolvendo as questões do destino de modo talentoso e generoso, como poucos o fizeram.

11 D.W. Winnicott, “Aggression in relation to emotional development”, in *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers*, p. 217-218.

12 D. W. Winnicott, “The use of an object in the context of *Moses and monotheism*”, in *Psychoanalytic Explorations*, p. 245.

13 Daniel Delouya (in “A pulsão ‘destrutividade’ e o ‘pai’ do *self*”, *Percurso*, n. 17) trouxe excelentes subsídios para essa discussão em artigo que ressaltou justamente a “pulsão destrutiva” proposta por Winnicott, e a relacionou com uma nova reviravolta: o surgimento da função do pai como um elemento fundamental na constituição do *self*, o que se dá na travessia rumo ao uso do objeto.

14 Ver essa discussão em D. Gurfinkel, *Relações de objeto*.

15 Esse jogo de palavras também inspirou Elisa M.U. Cintra em seu trabalho “Onde vivem as pulsões e seus destinos: uma reflexão”. Dialogando com Green, ela propõe que são os objetos da fantasia inconsciente que revelam as pulsões – ainda que elas sejam entidades originárias –, objetos estes que são “os criadores do habitat natural onde vivem as pulsões e seus destinos” (“Onde vivem as pulsões e seus destinos: uma reflexão”, in L. Fulgencio e D. Gurfinkel (orgs.), *Relações e objeto na psicanálise: ontem e hoje*, p. 82). Com essa proposição, Cintra propõe situar Klein como uma analista de transição entre os autores que privilegiavam o intrapsíquico e aqueles que privilegiavam o intersubjetivo, mas com franca abertura para esta última perspectiva. Ainda que o trabalho de Klein certamente não chegue a abraçar uma “psicanálise do *self*”, sua posição intermediária talvez não tome a pulsão de maneira tão a-relacional, impessoal, ou mesmo “sem destino”; pois tratar-se-ia, sempre, de uma pulsão vestida pela fantasia.

16 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 245.

17 S. Freud, *Mas alla del principio del placer*, p. 2516.

18 S. Freud (*op. cit.*, p. 2517) também utilizou a expressão “forças do destino”, que dá nome ao livro de Bollas e inspira uma conhecida ópera de Verdi.



*creio que a psicanálise
do self desenvolvida por Winnicott
de fato convida para um diálogo
frutífero com as proposições
de Jung. Isso não passou
despercebido a ele, que
chegou a mergulhar com
interesse em escritos de Jung*

Destino e busca do *self*: com Jung?

Essas formulações sobre o destino como um caminho vital na busca de realização do *self* guardam semelhanças inquietantes com algumas formulações centrais de Jung, que são certamente mais difíceis de serem assimiladas, discutidas e eventualmente integradas na história das ideias em psicanálise. Para ele, no processo analítico “há uma destinação”¹⁹, que é suplementar e está além do trabalho com o inconsciente²⁰; trata-se do “caminho da individuação”, termo que significa o “tornar-se si-mesmo” ou o “realizar-se do si-mesmo”²¹. A meta da individuação é “despojar o si-mesmo dos invólucros falsos da persona e do poder sugestivo das imagens primordiais”²². Nas construções junguianas, a busca do *self* e o processo de individuação se tornaram referências fundamentais para o trabalho clínico; haveria algum paralelo realmente significativo com o trabalho de Bollas e o de Winnicott? A divergência crescente de caminhos e concepções entre ele e Freud, até levar à ruptura, é bem conhecida, e a complexidade das questões teórico-clínicas e transferenciais aqui envolvida é enorme. Gostaria apenas de propor que, apesar de toda aparente incompatibilidade ou incomensurabilidade (segundo Kuhn) de modelos, justifica-se sim tal paralelo – o que nos convida a um estudo sem dúvida desafiador, mas de fato relevante.

De modo muito sucinto, creio que a psicanálise do *self* desenvolvida por Winnicott de fato

convida para um diálogo frutífero com as proposições de Jung. Isso não passou despercebido a ele, que chegou a mergulhar com interesse em escritos de Jung e a estabelecer um debate com seu pensamento; acompanhamos as marcas dessa interlocução na sua impactante resenha de *Memórias, sonhos e reflexões* de Jung, em alguns debates realizados junto a analistas junguianos sobre o *self* e a contratransferência, em uma palestra marcante sobre individuação proferida no final de sua vida²³, e até em um relato de sonho seu “dialogando” com Jung e seu próprio conceito de “uso do objeto”²⁴. Nestes materiais, fica evidente tanto o reconhecimento da pertinência das contribuições de Jung, como um produtivo trabalho de diferenciação em relação a elas. Em tal diálogo, é sabida a participação marcante de Michael Fordham – analista junguiano pioneiro da Inglaterra, tradutor de Jung e muito próximo de Winnicott²⁵ –, que se dedicou particularmente ao estudo do *self*²⁶, e teve grande militância na busca de integração entre a psicanálise e a psicologia analítica em seu meio²⁷.

Um bom exemplo desse diálogo encontra-se em uma aproximação quase “natural” que emerge quando se circula entre os dois pensamentos: “à primeira vista, a diferenciação entre verdadeiro e falso *self* acompanha a distinção de Jung entre *self* e persona”²⁸; ora, em sendo assim, a meta da individuação de “despojar-se dos invólucros falsos da persona” guarda realmente alguma semelhança com a busca do verdadeiro *self* da pulsão de destino! Fordham acrescentou, no entanto, que a proposição de Winnicott se distingue daquela de Jung por estar mais calcada no aspecto patológico. Essa observação é interessante, pois, talvez, de fato a concepção de Winnicott do falso *self*, nascida da clínica dos fronteiros, tenha marcado por um bom tempo sua abordagem do tema do *self*; no entanto, na sua obra final, creio que a busca do *self* ganhou cada vez mais o aspecto de uma problemática para todos os sujeitos, e também, em certa medida, para todas as análises.

Em suma: creio que a ideia *positiva* de destino em contraste com fado enquanto o negativo

da compulsão repetitiva já estava presente em Jung bem cedo, e veio a ganhar com a psicanálise de *self* um novo vigor e sentido. Temos aqui um debate que merece ser abraçado com seriedade e serenidade. Reconhecer que a preocupação com a busca do *self* em análise teve alguma precedência em Jung – ainda que em bases tão diversas – não me parece uma notícia irrelevante.

19 *Destinação*: precisamente o termo usado por Jung, o que traz em si a questão do destino que – como veremos – havia sido levantada por ele já em 1909, de modo pioneiro.

20 Naturalmente, a questão fundamental que aqui se coloca é: com qual concepção de inconsciente estamos trabalhando? Com Freud, em sua primeira formulação, pensamos em um “inconsciente recalçado”, que se desdobrou, por sua vez, em um inconsciente primário e referido ao primitivo e no inconsciente pulsional do Isso, em paralelo a um Eu inconsciente; Jung falava de um “inconsciente pessoal” e de um “inconsciente coletivo”; com Winnicott (“Fear of breakdown”, in *Psychoanalytic explorations*), surge um inconsciente relativo ao acontecido, mas não experimentado e, com Bollas (em *Associação livre*), temos o “inconsciente receptivo” como complemento ao inconsciente recalçado. Cada uma dessas formas de inconsciente é referida a um quadro geral de concepções sobre o funcionamento psíquico, sobre a psicopatologia e o sobre desenvolvimento e, eventualmente, sobre a dimensão do Ser do humano.

21 C.G. Jung, *O Eu e o inconsciente*, p. 49.

22 C.G. Jung, *op. cit.*, p. 50.

23 D. W. Winnicott, “Individuation”, in *Psychoanalytic explorations*.

24 Esse relato encontra-se em uma carta enviada a um colega (“D.W.W.’s dream related to reviewing Jung”, in *Psychoanalytic explorations*).

25 Em um tributo a Winnicott logo após a sua morte, Fordham declarou: “depois de Jung, não existe ninguém que tenha sido tão importante para mim pessoalmente e cientificamente” (M. Fordham, “A tribute to D.W. Winnicott”, in *Freud, Jung, Klein: the fenceless field – essays on psychoanalysis and analytical psychology*).

26 Trabalho que foi citado por Winnicott, e seu artigo “Communicating and not communicating leading to a study of certain opposites” (in *The maturational processes and the facilitating environment*).

27 O título de um de seus livros – *Freud, Jung, Klein: the fenceless field* [o campo sem cercas] – já deixa bem clara essa busca.

28 M. Fordham, *Explorations into the self*, p. 97.

29 O artigo se chama “A importância do pai no destino do indivíduo” (Jung, “A importância do pai...”, in *Freud e a psicanálise* – vol. 4 de C.G. Jung: *Obra completa*), no qual Jung parte da hipótese freudiana da neurose como regressão ao núcleo familiar a partir de situações de frustração e apresenta cinco exemplos clínicos, contendo um esboço de modelo teórico sobre o tema. Ao constatar a espantosa repetição de cenas da constelação familiar ao longo da vida, Jung chama a atenção para a “força demoníaca” do destino nos neuróticos, e acrescenta, ainda, que tal “mão poderosa que nos guia” – e quantas vezes nos iludimos de ser os donos de nossos próprios atos! – é, na verdade, comum a todos nós (para uma análise mais detida e cuidadosa, ver a tese de doutorado de L.M.G. Reino, *Destino e Daímon na psicanálise*).

»
não me parece
totalmente fortuito que,
desde então, Jung já
estivesse conectado com a
problemática dos desvios
psicopatológicos que
podem deter e distorcer
um destino individual

Dois golpes do destino na história das ideias em psicanálise

Neste debate, vale a pena considerar um curioso “golpe do destino”: quando Freud, em *Além do princípio do prazer*, lançou a ideia da neurose do destino conectada com a compulsão a repetição, ele citou um artigo de Jung²⁹ de 1909 que considerava excelente – trabalho que de fato inaugurou, na história da psicanálise, uma metapsicologia do destino. Não me parece totalmente fortuito que, desde então, Jung já estivesse conectado com a problemática dos desvios psicopatológicos que podem deter e distorcer um destino individual – que, nesse caso, referia-se ao papel do pai nessa destinação (ou fado) – o que o levará a perseguir, posteriormente, a problemática do caminho da individuação, para além do patológico.

Vejamos, ainda, um segundo golpe do destino. Em seu livro recente sobre a mente oriental, Bollas iniciou seu estudo justamente com uma citação de Jung sobre a mente chinesa, o jogo do *I Ching* e o conceito de “momento”. Nesse trabalho, Bollas associa a mente oriental à transcendência e à ordem materna e a mente ocidental ao heroísmo e à ordem paterna, considera que Winnicott e Khan incorporaram formas orientais de ser e pensar em sua concepção de *self*, e afirma que a psicanálise, em seus axiomas-chave, pode ser vista como que buscando



*talvez o resgate
do pensamento oriental
venha mesmo a temperar,
com sua filosofia
do “momento”, o orgulho
heroico daquele que
crê fazer o destino*

“uma integração inconsciente entre as estruturas mentais do Oriente e do Ocidente”³⁰. Bem, penso que Bollas reconhece aqui claramente o lugar de Jung nesse debate e, em levantamento bibliográfico sobre o tema, coloca-o como o primeiro da lista dos ocidentais envolvidos em psicanálise que estudaram o pensamento oriental. Como era de se esperar, a questão do *self* mostra-se, nesse livro, como tema central, assim como em outros tantos de seus trabalhos.

Assim, ao comentar o jogo do I Ching – e os “*insights* provocativos” de Jung sobre o assunto –, Bollas retoma a questão do destino; afinal, o jogo “encena a natureza transitória das nossas vidas comuns”³¹, e jogando-o, descobrimos como o *destino é entrelaçado com o fado*: “por mais que nós sigamos a lógica do nosso idioma (nosso destino, guiado pelo impulso de elaborar nosso padrão inato), o acaso intervém e o curso da vida é inevitavelmente mudado”³². Assim, entre o fado e o destino – ou entre a repetição dos padrões familiares inconscientes e o “livre arbítrio” –, temos o jogo do acaso, nos mostrando que há mais mistérios entre o céu e a terra do que sonha nossa vã filosofia; talvez o resgate do pensamento oriental venha mesmo a temperar, com sua filosofia do “momento”, o orgulho heroico daquele que crê fazer o destino, e reinstaure uma dialética mais sutil – entre o dramático e o romântico – das forças do destino.

A pulsão de destino:
fontes e desdobramentos

Vejamos agora, sucintamente, como o conceito de pulsão de destino se desdobra em diversas problemáticas teórico-clínicas que hoje nos interessam.

Em primeiro lugar, vale ressaltar como a pulsão de destino parece ter emergido, de um certo ponto de vista, como uma herança transformada da teoria da transicionalidade de Winnicott. Segundo a psicanálise do *self* construída por ele, a experiência de ilusão da área transicional serve como matriz de um “destino bom”, já que é a base para a capacidade de criar o mundo, o ambiente e o objeto em consonância com movimento pessoal – este é a base de um viver de modo criativo³³. Essa herança é, aliás, reconhecida pelo próprio Bollas: “a provisão materna de uma ilusão de criatividade [...] une-se à pulsão de destino”³⁴. Mas é importante compreender que algo novo aqui se acrescenta: o “valor da destrutividade” para se fazer a passagem para o verdadeiro uso, que proporciona um grande enriquecimento pessoal. Quanto a esse diálogo com a teoria da transicionalidade, Bollas propõe, ainda, uma diferenciação entre objeto *intermediário* (para ele, de caráter intersubjetivo) e objeto *transicional* (eminentemente subjetivo): “proponho que denominemos qualquer objeto mental [...] proveniente da interação paciente-analista de objeto intermediário; [...] esses objetos não são transicionais porque o objeto transicional não provém de uma inter-relação”³⁵. Mas, se voltarmos a Winnicott, notamos que tal distinção não se apresenta dessa forma tão estrita; o objeto transicional *já supõe* uma alteridade paradoxal, uma vez que ele serve de ponte para a construção do encontro com o outro segundo a dialética ilusão / desilusão. Winnicott esclarece que seu conceito de “uso” trata dos *mesmos problemas* daqueles dos fenômenos transicionais, a saber: “aceitação da existência independente do objeto”³⁶, e ressalta, ainda, que o que é específico deste último é justamente a *aceitação do paradoxo*.



deve-se atentar menos para
o objeto usado, e mais para o
uso que se faz do objeto –
aliás, esse mote é essencial para
compreendermos a essência
das adições e dos
objetos-fetich

Por outro lado, o trabalho de Bollas nos possibilita reelaborar algo fundamental que Winnicott apenas anunciou em seu trabalho, a saber: *o uso do objeto não é exploração dele*³⁷. Segundo Bollas, “a inexorabilidade essencial para a seleção e o uso do objeto não deveria tornar-se motivo para ação irrefletida e egocêntrica que se dá ao custo dinâmico do outro”³⁸. Assim, a impulsividade “cega” e antissocial como agir de descarga deve ser distinguida de uma implacabilidade associal ancorada no *self*: uso não é exploração. Se com a pulsão de destino nos encontramos com um pulsional implacável, tal impulso é também um movimento do *self*; não se trata de uma descarga cega (ou da formação reativa de controle do impulso, que sufoca os seus anseios), mas de um *impulso verdadeiramente pessoal*. Essas considerações nos sugerem uma revisão bastante interessante da polaridade impulsividade / obsessividade, tomada por vezes como uma referência para a psicopatologia psicanalítica³⁹.

As proposições de Bollas sobre o fado (*versus* destino) podem contribuir significativamente, também, para pesquisas clínicas no campo do que poderíamos denominar “psicopatologia do destino”. A face sombria do uso do objeto já havia sido trazida por Winnicott quando ele apresentou, em *O brincar e a realidade*, a psicopatologia

manifestada na área dos fenômenos transicionais – como no famoso caso do “menino do cordão”, ou ao descrever o “fantasiar dissociado”. Conforme ele mesmo ressaltou, deve-se atentar menos para o objeto usado, e mais para o uso que se faz do objeto – aliás, esse mote é essencial para compreendermos a essência das adições e dos objetos-fetich⁴⁰. Bollas, ao propor a noção de “objeto alternativo”, dá sequência a essa linha de pesquisa: “o objeto alternativo expressa a percepção que a criança tem da extinção da vida transicional, do colapso do espaço potencial, redundando em um movimento conducente à elaboração compensatória de um mundo interior alternativo, bem distante do real”⁴¹. Assim, o aprisionamento nesses objetos alternativos constitui precisamente um fado difícil de reverter. Em meu próprio trabalho⁴², procurei apontar como nos ditos “relacionamentos adictivos” predomina uma forma exploratória de uso do objeto, que pode ser entendida justamente como um desvio do uso; tal uso extrativista do objeto indica precisamente uma *falha de sustentabilidade*.

E, ainda: também a questão da *escolha de objeto* merece ser aqui revisitada. Penso que a utilização da teoria do “uso do objeto” para se pensar o encontro sexual e amoroso, proposta por Bollas⁴³, mesmo que bastante promissora, talvez mereça ser olhada com mais cuidado; ela arrisca-se a induzir a uma polarização simplificadora das forças do destino: de um lado o destino como realização

30 C. Bollas, *China em mente*, p. 29.

31 C. Bollas, *op. cit.*, p. 41.

32 C. Bollas, *op. cit.*, p. 42.

33 Ver D. W. Winnicott, “Living creatively”, in *Home is where we start from*.

34 C. Bollas, *Forças do destino: psicanálise do idioma humano*, p. 60.

35 C. Bollas, *op. cit.*, p. 138-39.

36 D.W. Winnicott, *Playing and reality*, p. 88.

37 D.W. Winnicott, *op. cit.*, p. 94.

38 C. Bollas, *op. cit.*, p. 73.

39 Sobre esse tema, ver D. Gurfinkel, “A clínica do agir”, in R.M. Vollich, F. Ferraz e M.H. Fernandes (orgs.), *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*.

40 Tenho discutido, em diversos trabalhos, uma compreensão da adição como patologia da transicionalidade (ver, por exemplo, D. Gurfinkel, *Adições: paixão e vício*).

41 C. Bollas, *op. cit.*, p. 148.

42 D. Gurfinkel, “Adições, dependência e sustentabilidade”, *Psicanálise*, v. 25, n. 2.

43 Ver D. Gurfinkel, “O uso do objeto no encontro erótico”, seção do artigo “O uso Bollas do objeto Winnicott: uma epistemologia transformacional”, in E. Cintra (org.), *Por que Bollas?*.



[para Lacan] o caráter eminentemente narcísico da relação com o outro e a tendência alienante do Eu na sua imagem ideal especular nos levariam a considerar a ideia do encontro como um engodo, uma ilusão imaginária, ou uma “mentira”.

“bem-sucedida” do projeto de um verdadeiro *self*, e de outro o fracasso prenunciado por um fado em negativo. Poder-se-ia aqui crer ser possível um *destino purificado* do fado, obra de um Eros capaz de neutralizar inteiramente Thanatos? Não haveria aqui, novamente, um risco de idealização romântica?

Como contraponto, vale retomar o aforismo lacaniano de que “não existe relação sexual”, que alude, justamente, ao impasse de uma suposta posição narcisista irredutível. O caráter eminentemente narcísico da relação com o outro e a tendência alienante do Eu na sua imagem ideal especular nos levariam a considerar a ideia do encontro como um engodo, uma *ilusão* imaginária, ou uma “mentira”. “A análise demonstra que o amor, em sua essência, é narcísico, e denuncia que a substância do pretense objetual – papo furado – é de fato o que, no desejo, é resto, isto é, sua causa, e esteio de sua insatisfação, se não de sua impossibilidade”⁴⁴. Lacan critica a concepção de amor (Eros) como um “fazer um só”, pois “o desejo só nos conduz à visada da falha, quando se demonstra que o Um só se aguenta pela essência do significante” (idem).

É evidente que tanto Winnicott quanto Bollas apostam na possibilidade do encontro, o que implica uma reavaliação bastante crítica da concepção do humano baseada em um suposto narcisismo estrutural – e aqui temos um contraste marcante com a posição de Lacan. Mas creio que as advertências deste último são de fato relevantes,

e devem ser levadas em conta para se enriquecer o debate. Quando Bollas reintroduz o pulsional implacável na experiência do encontro, creio que esteja buscando reequilibrar a balança, e que tenha nos brindado com uma contribuição realmente significativa: ele ressaltou a abertura potencial que a dialética destruir / sobreviver traz para o trabalho contínuo da (re)invenção na vida sexual e amorosa. No entanto, devido a seu modo de apresentar a questão, ele pode ter exagerado na crença em um projeto de realização do verdadeiro *self*: a estrutura narcísica do amor limita e assombra constantemente a capacidade de uso do objeto, e os “golpes” do destino – os azares do traumático – por vezes impõem-se como a força demoníaca da compulsão à repetição. Pois, conforme o conhecido mote de Vinicius de Moraes, *a vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro pela vida*⁴⁵.

Assim, penso que, ao ressaltar a implacabilidade da dimensão pulsional na busca do *self*, Bollas invocou também – talvez inadvertidamente – outras facetas da pulsão: o demoníaco destacado por Freud na compulsão à repetição, o indomável do impulso desenfreado do Isso, o imponderável do jogo do acaso e a fatalidade do efêmero. A escolha de objeto, e toda a vida relacional, talvez sejam um amálgama de destino e fado, à maneira daquela sugerida por Freud de Eros e Thanatos. Poderíamos pensar em termos de fusão e defusão entre fado e destino? Ora, O efêmero e o acaso devem ser inseridos nessa dialética, para além de uma suposta condenação determinista que a ideia de fado faz sugerir. “Aquilo que não pude fazer” (Bollas comenta, por exemplo, seu talento não realizado para a composição musical⁴⁶) e “aquilo que não pude ter” (objetos, conquistas, possessões, realizações) fazem parte do jogo do destino – como nos indica o jogo do I Ching.

Para finalizar, gostaria de assinalar um dos aspectos mais interessantes e promissores do conceito de “pulsão de destino”: sua contribuição para a pequena revolução silenciosa que significou a revisão da teoria freudiana do sonho, revolução que se deu a partir do modelo da transicionalidade. Essa revisão, cujo pontapé inicial foi dado

por Winnicott, prosseguiu com Khan, Pontalis, Fédida, Bollas, Kaës e outros⁴⁷. Bollas sugere que o sonho cria parcialmente o objeto de seu futuro, pois brinca com a realidade antes que o imaginário se concretize: “o sonho constitui um precedente ficcional da realidade, no qual o idioma do self é retratado”⁴⁸. Em meu próprio trabalho⁴⁹, abordei essa relação entre o sonhar e o futuro através do conceito de projeto.

Sabemos que nos trabalhos posteriores a *Forças do destino* Bollas rumou firme em direção à metapsicologia freudiana, especialmente via o modelo do sonho e o método clínico da associação livre. Podemos entrever essa virada em andamento tanto nessas considerações sobre o sonho como configuração do destino futuro, quanto em seu primeiro livro, *A sombra do objeto*. Neste, uma “nova luz” – a metáfora da alvorada e de um “súbito descobrimento” emprestada do capítulo 3 da *Interpretação dos sonhos*, assim como a metáfora da sombra / luminosidade do objeto retirada de *Luto e melancolia* – já se faz presente, como anúncio

nos trabalhos posteriores
a Forças do destino
Bollas rumou firme em
direção à metapsicologia
freudiana, especialmente via
o modelo do sonho e o método
clínico da associação livre

desse futuro⁵⁰. Sugiro que aqui vislumbramos o movimento inicial de um “uso Bollas do objeto Freud”⁵¹, muito singular e interessante, que irá ganhar corpo nos anos seguintes.

44 J. Lacan, *O Seminário livro 20: Mais, ainda*, p. 14.

45 Para maior desenvolvimento do tema, ver D. Gurfinkel, “A mítica do encontro amoroso e o trabalho de Eros”, in S.L. Alonso, D. Breyton e M.F.M. Albuquerque, *Interlocuções sobre o feminino: na teoria, na clínica e na cultura*.

46 C. Bollas, *op. cit.*, p. 142.

47 Meu livro *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe* tem como eixo de abordagem tal revisão histórica na teoria dos sonhos.

48 C. Bollas, *op. cit.*, p. 75.

49 D. Gurfinkel, *op. cit.*

50 Assinalo esses aspectos em prefácio do referido livro (D. Gurfinkel, “A sombra do objeto: epifania de um pensamento (prefácio à edição brasileira)”, in C. Bollas, *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*).

51 Sugeri compreendermos esse uso, assim como o “uso Bollas do objeto Winnicott” que assinalai em trabalho anterior (D. Gurfinkel, “O uso Bollas do objeto Winnicott: uma epistemologia transformacional”, in E. Cintra (org.), *Por que Bollas?*), como próprio da “epistemologia transformacional” característica de Bollas.



Referências bibliográficas

- Bollas C. (1987/2015). *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. São Paulo: Escuta.
- _____. (1989/2021). *Forças do destino: psicanálise do idioma humano*. São Paulo: Escuta.
- _____. (1998). Pulsional impiedoso e receptividade materna (entrevista). *Percurso* n. 20.
- _____. (2002/2005). *Associação livre*. Rio de Janeiro / São Paulo: Relume Dumará / Duetto.
- _____. (2022). *China em mente*. São Paulo: Zagodoni.
- Cintra E.M.U. (2022). Onde vivem as pulsões e seus destinos: uma reflexão. In Fulgencio L. e Gurfinkel D. *Relações e objeto na psicanálise: ontem e hoje*. São Paulo: Blucher.
- Delouya D. (1996). A pulsão “destrutividade” e o “pai” do self. *Percurso*, n. 17.
- Fordham M. (1972/1995). A tribute to D.W. Winnicott. In Freud, Jung, Klein: *the fenceless field – essays on psychoanalysis and analytical psychology*. London and New York: Routledge.
- _____. (1985/2002). *Explorations into the self*. London and New York: Routledge.
- Freud S. (1915/1981). Los instintos y sus destinos. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.2, p. 2039-2052.
- _____. (1920/1981). Mas alla del principio del placer. In *Obras completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva, v.I, p. 2507-2541.
- Gurfinkel D. (2001). *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2008). A clínica do agir. In Volich R.M., Ferraz F.C. e Fernandes M.H. (orgs.), *Psicossoma IV: corpo, história, pensamento*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2008). A mítica do encontro amoroso e o trabalho de Eros. In Alonso S.I., Breyton D. e Albuquerque M.F.M. (orgs.), *Interlocuções sobre o feminino: na teoria, na clínica e na cultura*. São Paulo: Escuta.
- _____. (2008). *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe*. São Paulo: Escuta / Fapesp.
- _____. (2011). *Adições: paixão e vício*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- _____. (2015). A sombra do objeto: epifania de um pensamento (prefácio à edição brasileira). In Bollas C., *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não pensado*. São Paulo: Escuta.
- _____. (2017). *Relações de objeto*. São Paulo: Blucher.
- _____. (2023). Adições, dependência e sustentabilidade. *Psicanálise (revista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Porto Alegre)*, v. 25, n. 2.
- _____. (2024). Winnicott e Bollas: relações, self e uso do objeto. In Cintra E. (org.) *Por que Bollas?* São Paulo: Zagodoni.
- _____. (2024) O uso Bollas do objeto Winnicott: uma epistemologia transformacional. In Cintra E. (org.), *Por que Bollas?* São Paulo: Zagodoni.

Jung C.G. (1909/2013). A importância do pai no destino do indivíduo. In *Freud e a psicanálise – vol. 4 de C G. Jung: Obra completa*. Petrópolis: Vozes.

_____. (1928/1982). *O Eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes.

Lacan J. (1972-1973/1982). *O Seminário livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar.

Pontalis J.-B. (1999). Isso em letras maiúsculas. *Percurso*, n. 23, p. 5-15.

Reino L.M.G. (2018). *Destino e Daímon na psicanálise*. Tese de doutorado. São Paulo: Instituto de Psicologia da USP. Disponível em: <<https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-13112018-150247/pt-br.php>> e <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-13112018-150247/publico/guimaraes_do.pdf>.

Winnicott D.W. (1950-1955/1992). Aggression in relation to emotional development. In *Through paediatrics to psychoanalysis: collected papers*. London: Karnac.

_____. (1958/1990). The capacity to be alone. In *The maturational processes and the facilitating environment*. London: Karnac.

_____. (1960/1990). Ego distortion in terms of true and false self. In *The maturational processes and the facilitating environment*. London: Karnac.

_____. (1963/1990). Communicating and not communicating leading to a study of certain opposites. In *The maturational processes and the facilitating environment*. London: Karnac.

_____. (1963/1989). D.W.'s dream related to reviewing Jung. In *Psychoanalytic Explorations*. London: Karnac, p. 228-230.

_____. (1963/1989). Fear of breakdown. In *Psychoanalytic Explorations*. London: Karnac, p. 87-95.

_____. (1969/1989). The use of an object in the context of Moses and monotheism. In *Psychoanalytic Explorations*. London: Karnac, p. 240-246.

_____. (1970/1990). Living creatively. In *Home is where we start from*. London, Penguin Books.

_____. (1970/1989). Individuation. In *Psychoanalytic Explorations*. London: Karnac, p. 284-288.

_____. (1971/1996). *Playing and reality*. London: Routledge.

Drive, self and destiny: with Bollas

Abstract The aim of this paper is to discuss the concept of “destiny drive” proposed by C. Bollas. This concept has clinical, existential and theoretical very significant repercussions, and articulates in an organic way the drive model and the object relations thought. According to the reading proposed here, the concept of self is a fundamental intermediate link between the terms drive and destiny.

Keywords drive; destiny; self; Bollas; Winnicott; Jung.

Texto recebido: 02/2025.

Aprovado: 04/2025.